



Pela noite dos dragões: Caio Fernando Abreu e a escrita do tempo na experiência da aids

By the night of dragons: Caio Fernando Abreu and writing of time in the experience of aids

Guilherme da Silva Cardoso

Mestrando em História

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

guilherme.sscardoso@gmail.com

Recebido em: 02/08/2018

Aprovado em: 03/09/2018

Resumo: Este trabalho analisa de que modo o entendimento e a experiência do tempo na experiência-limite da aids se inscreveu na produção do escritor Caio Fernando Abreu. O discurso literário afirma-se como uma das maneiras de pensar e escrever sobre a aids, abrindo possibilidades na epidemia discursiva sobre essa experiência. Caio F. foi pioneiro ao tratar do tema, em um universo cujo pano de fundo da tensa relação com a enfermidade torna-se o cenário para indivíduos e suas experiências com o tempo, a sexualidade e a morte emergirem: o medo e a presença da aids permanecem como um espectro, ancorados no passado que se estende, impondo-se como experiência de puro presente, como aponta Susan Sontag, em uma relação com o tempo que não pode ser ignorada. Em dois contos de *Os Dragões não conhecem o Paraíso* (1988), e a novela *Pela noite* (1983) busco compreender, em um diálogo entre a historiografia e a literatura, de que modo se apresenta uma experiência do tempo marcada por estigmas tão potentes, com tamanho poder de interferência em como se entendem as temporalidades.

Palavras-chave: Teoria da história, aids, literatura.

Abstract: This paper analyzes how the understanding and experience of time in the limit-experience of AIDS was inscribed in the production of the writer Caio Fernando Abreu. The literary discourse affirms itself as one of the ways of thinking and writing about AIDS, opening possibilities in the discursive epidemic on this experience. Caio F. was a pioneer in dealing with the theme, in a universe whose background of tense relationship with this disease becomes the setting for individuals and their experiences with time, sexuality and death to emerge: the fear and presence of AIDS remain as a spectrum, anchored in the past that extends, imposing itself as an experience of pure present, as Susan Sontag points out, in a relationship with time that can not be ignored. In two short stories of *Os Dragões não conhecem o Paraíso* (1988) and the novel *Pela noite* (1983) I try to understand, in a dialogue between historiography and literature how an experience of time is marked by such powerful stigmas, with such a power of interference in how one understands temporalities.

Keywords: Theory of history; AIDS; literature



Um prólogo “positivo”

Em carta enviada à sua amiga, a pintora Maria Lídia Magliani, o escritor gaúcho Caio Fernando Abreu assim escreveu sobre sua reação ao descobrir-se portador de HIV, em agosto de 1994:

Depois de pegar o teste positivo, fiquei dois dias ótimo, maduro & sorridente. Ligando pra família e amigos, no 3º dia enlouqueci. Tive o que chamam muito finamente de “um quadro de dissociação mental”. Pronto-socorro na bicha: acordei nu amarrado pelos pulsos numa maca de metal... Frances Farmer, Zelda Fitzgerald, Torquato Neto: por aí. [...] Não tenho nada, só um HIV onipresente (MORICONI, 2002, p.311).

Assinando como “Caio F. (finalmente um escritor positivo!)”, de maneira aparentemente irreverente e conformada, o escritor assim ilustrava o fato de estar doente. Falecendo por complicações de saúde em fevereiro de 1996, o tema da aids¹ determinou o rumo da sua trajetória intelectual, desde as primeiras reportagens sobre os poucos casos daquela enigmática doença, e também, em sua produção após o diagnóstico de HIV positivo.

Esse tema é só um dos muitos que marcaram o universo literário de Caio F., como gostava de assinar, referenciando-se como o “primo intelectual de Christiane F.” Entre tantos temas, como lembra Barbosa (2008, p.15) também podemos mencionar a intertextualidade, num diálogo que mantém com a obra de outros escritores, como Hilda Hest e Clarice Lispector; o “borramento” dos gêneros literários, desenvolvendo uma pioneira literatura brasileira autoficcional; uma sofisticada estética *kitsch*, numa produção de aparência “marginal”, mas obedecendo a rigorosas técnicas de produção literária, a abordagem do universo homoerótico, etc. Ao longo de sua carreira literária, Caio F. ficou conhecido, como lembra Marcelo Bessa (2002, p.106), pelo epíteto de escritor “pesado e baixo-astral”, devido à imersão psicológica a qual submetia seus personagens e narrativas. Mais recentemente, vem figurando pelas redes sociais no consumo em *drops* da literatura, emoldurando frases de efeito - ora descontextualizadas, ora nem correspondendo à sua autoria. É o autor daquele que é considerado o primeiro enfoque na aids como fenômeno na literatura brasileira, a novela *Pela noite*, de *Triângulo das Águas*, em 1983: um momento no qual essa produção, bem como aquelas que seguiram, partiram do pouco que se sabia sobre a enfermidade, e assim, refletiram (e utilizaram-se de) seus enigmas, o espectro de

¹ Neste trabalho utilizaremos a grafia da enfermidade em letras minúsculas, devido à sua absorção pela língua portuguesa como verbete inspirado na sigla da língua inglesa (AIDS), reconhecido desde a edição de 2001 do Dicionário Houaiss e pela Academia Brasileira de Letras após a reforma ortográfica de 2009. A utilização da palavra com essa grafia é também uma demanda de setores ativistas, tendo assim um uso político visando diminuir o alarmismo da sigla escrita em letras maiúsculas. Será preservada, porém, a grafia utilizada pelos autores citados.



paranoia e seu impacto na vida social, traços que reacenderam as tochas conservadoras, na figura da “peste” e da “praga”. A epidemia que vorazmente se desencadeia vai muito além do plano biológico, atingindo outras áreas de conhecimento e informação, o que Bessa conceitua como “epidemia discursiva” (1997, p.22), campo no qual os tropos relativos à epidemia e a soropositividade se colocam.

O professor João Bosco Hora Góis (2014) pontua que desde a identificação dos primeiros casos, a enfermidade foi objeto de constante disputa entre os agentes – cientistas, ativistas, imprensa, governo, literatura, etc. Isso ocorre porque a construção do significado dessas experiências não é somente individual, mas um processo social de definição e interpretação, que produz uma imagem resultado de diversas abordagens (p.210). Assim, os inúmeros discursos sobre a aids incorrem não somente sobre os sintomas a partir da metáfora da “peste” que se mostra tão pungente, servindo a interesses de setores conservadores e neoliberais, no que aparentemente “historiciza” a doença do *fin de siècle* - mas também a quem por ela é atingido e na maneira que o indivíduo se coloca no tempo e no espaço.

Nesse sentido, receber o diagnóstico da soropositividade e viver com o HIV, pensando no momento privilegiado em nossa pesquisa, produz um impacto em três grandes aspectos na vida do sujeito: seu cotidiano, subjetividade e identidade (RODRIGUEZ, 2010, p.173), impactos gerados por uma doença cujo caráter de letalidade e degradação são a todo tempo realçados. A atmosfera das décadas de 1980-1990 carregou o espectro do medo e do contágio em receios muito além dos literais, atingindo a sociabilidade e assombrando a rasa liberdade sexual conquistada nas décadas anteriores - uma *experiência* construída a partir da ideia da *diferença*. Referenciando-se em Teresa de Lauretis, a historiadora Joan Scott (1998) estabelece a experiência como um dos fundamentos introduzidos na escrita histórica, diferente do “fato bruto”, com variadas conotações e visando uma crítica ao empirismo. Assim, designando a experiência como o processo pelo qual a subjetividade é construída para todos os seres sociais, através do qual nos colocamos ou somos colocados na realidade, percebe-se um processo que funciona pela fundamentalmente pela *diferenciação* (p.307). Scott vê o conceito como a história de um sujeito, e a linguagem, o campo no qual a história se constitui, e dessa forma, a explicação histórica não pode separar ambas as áreas. E aquilo que conta como experiência nem sempre é evidente ou direto – é sempre contestado e assim, sempre político (idem, p.320-321). Nesse processo, a evidência da experiência torna-se, assim, a evidência do fato da diferença, *per se*, ao invés de verificar como se *estabelece* a diferença, como ela *opera*, bem como de que forma ela constitui sujeitos que veem e agem no mundo (SCOTT, 1999, p.04). As especificidades da aids, nos anos 1980-1990,



entretanto, carregam uma grande carga de violência e discriminação, potencializadas em um curto período de tempo, devendo então ser compreendidas como uma *experiência-limite*².

Podemos assim perceber que em sua própria experiência, Caio Fernando Abreu recusou-se a escrever a doença por meio de termos “meramente denotativos” (FERNANDES, 2015, p.117), trazendo em suas obras a complexidade dessas questões, lançando mão de recursos literários a fim de disfarçar no texto o tema que está tratando. Sua produção foge dos elementos que conferem evidência ao que está sendo abordado, escrevendo sobre a doença sob um véu de dissimulação, elipsando o que pode ser relativo ao que temos como referente à doença e ao vírus. Em Caio F. não lemos as siglas conhecidas – aids, HIV, menções diretas – mas sim uma elaboração literária encontrando semelhanças, por exemplo, na cor roxa e suas variantes, na materialidade de sintomas enigmáticos, no fantasma social da “peste”: tais leituras sobre a enfermidade e seus significados fogem ao sentido “literal” da doença, legitimado em determinados discursos com uma visão da realidade que, a princípio, não oferece espaço para questionamentos. Um tipo de escrita que não somente convida o leitor a construir um significado, mas precisa dele para tal, e ao tratar de uma experiência tão particular, esse estilo narrativo acaba favorecendo a pluralidade de nuances que se pode ter em resposta.

O fenômeno, a epidemia em si, dá-se em escala global, rompendo fronteiras e questões transnacionais, mas, simultaneamente, como um efeito dominó, impacta de maneira específica cada grupo social ou localidade que chega, invadindo territórios e indivíduos, “criando realidades” a cada contexto. Tais realidades aqui discutidas não são neutras, por mais que o discurso biomédico pretenda-se isento de valores e metaforicamente depurado: assim, se esse contém a “verdade” do literal e do real, conduzindo a discussão sob a falsa isenção valorativa do científico, o literário significa o metafórico, o ficcional, o inalcançável, sugerindo uma “realidade rival”, na expressão de James Wood (2011, p.164).

No Brasil, pensando a ascensão da epidemia nos termos da disciplina histórica, Maria Cristina da Costa Marques (2002) aponta o tímido envolvimento com a questão, num contexto de cruzamento entre diversos campos de conhecimento, em um sólido arcabouço teórico que permite certo entendimento da aids e suas dimensões – um envolvimento que produziu uma historiografia significativa em países como os Estados Unidos, Inglaterra e França, por exemplo. Esse *evento* permitiu, assim, ao historiador contemporâneo repensar suas metodologias e práticas

² “Em compensação, a experiência em Nietzsche, Blanchot, Bataille tem por função arrancar o sujeito de si próprio, de fazer com que não seja mais ele próprio ou que seja levado a seu aniquilamento ou à sua dissolução. É uma empreitada de dessubjetivação”. Cf. FOUCAULT (2010, p.291)



acerca do *fazer* história do tempo presente, bem como na inserção nos debates sobre a saúde pública. Se, por vezes, torna-se uma empreitada difícil nesse ramo, dada a dinâmica das “fontes”, que se dão *durante* o tempo da pesquisa, é também um de seus “fascínios”, como aponta Marques (p.46), referenciando-se na historiadora Virginia Berridge (1996). Assim, os primeiros casos da aids oficialmente registrados ocorreram em julho de 1982, em São Paulo, cidade também pioneira nas respostas de programas governamentais em que, no mesmo ano, se dão as primeiras articulações de grupos sociais. Nesse sentido, Eliza Vianna (2014, p.15) destaca que de modo inédito a aids trouxe a mobilização dos doentes e outros envolvidos, exigindo respostas do poder público às demandas, organizados especialmente após a segunda metade dos anos 80. Da mesma maneira, as organizações não-governamentais também tiveram grande importância nessas conquistas, fundando diversas instituições pelas cidades.

Contudo, como afirmou Herbert Daniel, “ninguém poderá escrever a história da doença no Brasil sem recorrer ao noticiário da imprensa” (BESSA, 2002, p. 21): a narrativa produzida nas redações de jornais e revistas como *Veja* e *IstoÉ* ditou a trajetória dos discursos no cenário brasileiro, sendo o “aspecto folhetinesco” da literatura da aids decorrente das influências legadas pelas cinzas páginas de jornais, como nos apresenta Bessa (2002) e Jane Galvão (2000). O gatilho de Caio F., nesse sentido, é estabelecer uma produção que quebra essa atmosfera sensacionalista envolta na literatura de “folhetim”, criando possibilidades para além daquilo considerado possível nas ferramentas de representação em um determinado gênero, reelaborando as fronteiras entre autor & obra.

Outras fronteiras reelaboradas são também as da temporalidade – passado, presente e futuro passam por uma intensa revisão durante a experiência da aids. A culpabilização de homens gays foi a grande força do conservadorismo no início da década de 80, simbolizando a complexidade da relação entre sexualidade e morte, Eros e Thanatos – porém, tal legado permanece. Um fenômeno que pode ser concebido como um “trauma social”, que conforme Maria Inés Mudrovcic carrega uma temporalidade que traz o passado à tona no presente, causando um colapso (2013, p. 21). O medo, a experiência e a memória da aids, assim, permanecem como um espectro, ancorado num passado que se estende até o presente: de acordo com Susan Sontag, um presente “puro”, em uma relação com o tempo que não pode ser ignorada (2007, p.137). Para a escritora, trata-se de uma cadeia, vinda do passado, transformando nossa ideia de futuro e progresso, devido ao volume de conhecimento e informação, em uma visão de catástrofe.



O discurso literário, assim, oferece um modo de interpretação que tenta dar conta dessa pluralidade de experiências, fazendo-se valer justamente do pensamento metafórico que se constrói, pois como aqui defendo, *qualquer discurso* sobre a aids existirá a partir de metáforas, por ser construído a partir da linguagem, encontrando o objeto que lhe for mais adequado. A literatura, em seus inúmeros formatos, gêneros e estilos, pode oferecer outras abordagens à experiência, outras visões do *estar* doente, em imagens *positivas*, agindo no reflexo que se tem de si mesmo e concepções de futuro. Reflexos esses que não correspondem a uma realidade preenchida de figuras dominadas pela impessoalidade, decadência, culpa e pena – massivamente produzidas e veiculadas pelo discurso médico e jornalístico durante as duas primeiras décadas. Evidentemente, não negamos aqui a “realidade”, mas sim sua apreensão de uma maneira objetiva: pensar a relação realidade/ficção como uma oposição, na literatura sugere a possibilidade de apreensão do “real”, da “verdade em si”, por meio de uma narrativa, oposta a uma escrita fabulada, imaginada, em suma, “inventada”. Entendendo a realidade como campo de descrições/representações e não como um conjunto de coisas objetivas, e que tanto “realidade” quanto “verdade” estão vinculadas a um sujeito cognitivo, aquilo que costumamos chamar por esses conceitos só pode ser concebido a partir de consensos construídos intersubjetivamente, que mudam ao longo do tempo (VERSIANI apud VELASCO, 2015, p. 05-06).

Articulando literatura, a experiência-limite da aids e a historiografia, levei essas questões à produção de Caio Fernando Abreu que, em maior ou menor nível, tematizou, refletiu, e se embasou no conhecimento que se tinha da enfermidade. Por isso, estendo seus efeitos ao espectro do medo, do contágio, o espírito de paranoia que escapa aos limites daquilo que a doença, “biologicamente” interfere, conectando indivíduos que nunca haviam se conhecido, além, é claro, do impacto direto na narrativa, em torno de sinais e vestígios. Por conseguinte, delimito as obras analisadas, relacionando-as diretamente com nossas dúvidas e trazendo reflexões, mas que, sobretudo, não se encerram aqui: do livro de contos *Os Dragões não conhecem o Paraíso*, lançado em 1988, retirei dois que servem como ilustração dessa tensão com as temporalidades - *Linda, uma História Horrível* e *Saudades de Audrey Hepburn (nova história embaçada)* - desdobrando-os em suas complexidades e aplicando uma leitura que visa encontrar uma “coerência histórica” em como os textos apresentam o tema, partindo de considerações sobre a teoria tropológica, no sentido de buscar uma “organização” daquilo que se apresenta supostamente “disperso” em um texto (historiográfico ou literário). De maneira um pouco mais, digamos, “especulativa” do que “teórica”, também será analisada a novela *Pela noite*, de *Triângulo das águas* (1983).



Conforme Courtine (2006), no início da década de 1980, havia um sentimento geral de que, não apenas as epidemias haviam chegado ao fim durante os anos 1970, mas as enfermidades infecciosas como um todo, ao menos nos países industrializados (p.39-43). Assim, a aparição da aids representou um retorno ao imaginário dramático das moléstias, o contagioso mal do *outro*, pondo em xeque a frágil liberdade sexual e – “inesperadamente” - a suposta infalibilidade da ciência. Nas disputas que se tecem na epidemia discursiva sobre a aids/HIV, o isolamento da investigação, legada sobretudo à Imunologia e Epidemiologia, selou o rumo das definições que a aids ganhou nos anos iniciais, segundo Góis: na tarefa de separar “saúdáveis” de “não-saúdáveis”, com seus ideais de “normalidade/anormalidade”, a homossexualidade masculina foi preenchida com as infundáveis hipóteses acerca das práticas sexuais (2014, p. 217).

Assim, receber o diagnóstico “positivo” de algo tão discursivamente conectado à aproximação da morte, representa para o sujeito um momento chave em sua história, pois, como aponta a antropóloga Natalia Rodríguez, é um impacto no corpo e no cotidiano, mas, em especial, na subjetividade (2010, p. 137). Os projetos de vida e o sentido da existência, *até então* estáveis, passam por inevitáveis questionamentos e conflitos. Mas, quais as marcas desse “até então” mencionado? Por quantas reavaliações da própria existência e do tempo um indivíduo pode passar? Viver com HIV, é uma experiência que confronta o sujeito com as representações e expectativas sociais, pois “sua nova realidade pessoal impulsiona um complexo processo de revisão e ressignificação desse sistema de crenças, de seu passado, presente e futuro, de reacomodação de sua própria imagem, seus papéis e identidades” (ibid., p. 173), uma experiência, de acordo com o que vimos anteriormente, construída através da diferença.

Essa mesma noção guiou as noções de alteridade, repercutindo no convívio social e exercício da cidadania. A população gay masculina foi, talvez, o principal grupo social impactado no início dos anos 80³, atingida por medidas sociopolíticas que supostamente visavam cercar a

³ É evidente que esse grupo não foi o único atingido (biológica e discursivamente). Faço tal recorte pensando nos momentos iniciais da epidemia. A ideia do “grupo de risco” é crucial para compreendermos esse fenômeno: na construção desse mal do *outro*, as divisões seguiram-se primeiramente dividindo a sociedade entre os “saúdáveis” e os “doentes”, e nesses últimos, dois segmentos: as “vítimas inocentes” (em geral, bebês nascidos de mães soropositivas e profissionais da área da saúde infectados em serviço) e os “culpados”. Esses, parte do “grupo de risco”, foram divididos em subgrupos, mostrando a face mais grosseira da discriminação, na infame “Fábula dos 4 H”: uma “fábula” tecida por “epidemiologistas equivocados”, segundo Francisco Inácio Bastos, ele mesmo um epidemiologista. Cf. BASTOS (2006). Os “4 H” reuniam então, aqueles “exclusivamente” propensos à infecção: homossexuais, usuários de heroína, hemofílicos e haitianos. Complexas coletividades reunidas em uma categoria fria, à luz da discriminação que salta aos olhos. Sobre cada um desses grupos se incidiu – e ainda incidem – universos metafóricos inteiros, que se isolam, se entrelaçam, se colidem. Não tardou para os discursos dos “grupos de risco” acrescentarem mais um membro: as mulheres. A partir do fim dos anos 80, o discurso misógino em torno das práticas sexuais da mulher “compartilharam” com o homem gay os perigos do sexo e da maledicência, o horror e o prazer do sexo e da morte.



expansão do vírus, mas a cabo, também visavam isolar socialmente a homossexualidade como um todo. Dentre as medidas, algumas cedo ou tarde finalizaram-se, como o teste compulsório e proibição de imigrar para certos países - o *free country* Estados Unidos, por exemplo, cujo veto a imigrantes soropositivos foi revogado somente em 2010. Outras medidas, entretanto, se fazem tão arraigadas no cotidiano, quase como sem questionamento, que é desalentador concluir que, com a guinada conservadora da década de 2010, é improvável que sofram alterações - como, no Brasil, a proibição de doação de sangue de qualquer pessoa homossexual, considerada parte de um “grupo de risco”, decisão alterada de maneira ínfima em 2002.

Nas diversas fases de sua extensa obra, analisando o desenvolvimento de questões e comportamentos aparentemente já “historicizados”, Foucault lançou luz aos “anormais”, por ele mesmo assim designados, não passíveis de uma história, ou mesmo uma reflexão: a loucura, o sistema prisional, as sexualidades dissidentes. Para ele, as identidades sexuais – obviamente, a heterossexual inclusa – são criações do século XIX, e que assim reconhecidas, enquanto *identidades*, não poderiam ser então, relativas às práticas sexuais do passado (FOUCAULT, 2015, p.40). Tais categorias, aqui no caso visando à construção do indivíduo gay contemporâneo, são diferentes do “sodomita” dos séculos anteriores, quando não era além de uma categoria jurídica. Conforme essa imagem se consolida, à medida que se torna “coisa médica” ou “medicalizável” – como uma lesão, um sintoma, ou, como testemunhamos hoje, passível de uma “cura” – vai sendo preenchida pelos signos do comportamento.

Como o homossexual, essa nova personagem, o “aidético”, também tem um passado, uma história, uma psicologia e, ainda, uma face e um corpo. Ser portador do vírus ou ser doente de AIDS implica deixar de ser quem é para ser um “aidético”, para ter um corpo, uma face e uma história definidos. Olhar-se no espelho, portanto, não significa ver sua própria imagem, mas ver a imagem de um “aidético” e aquilo que essa imagem representa (BESSA, 1997, p. 109).

Trata-se de uma criatura desprovida do direito à individualidade. Como observa Góis (2014, p. 222-223) ele é apresentado em fotografias, “explicado” em textos. Um indivíduo desajustado e solitário cuja doença não criou, mas que acentuou seu isolamento e ruptura da vida familiar – sofredor e fonte do próprio sofrimento, preenchido pela culpa na marginalidade em relação à sociabilidade heterossexual. A linguagem e a subjetividade atribuídas foram se alterando, dando lugar a “soropositivos” e “pessoa que vive com aids”: mudanças conquistadas após verdadeiras cruzadas na qual todas as ONGs em torno da questão entraram durante a década de 80, contra a imprensa que vulgarizou o termo condenatório “aidético” e o tornou público, conforme Bessa aponta (2002, p.71).



O “aidético” (*sic passim*) representaria então o paradoxo de um processo civilizatório tido como “ideal”: por um lado, é alguém que se encaminha para a morte, lenta e degradante, mas está vivo - mesmo que seu corpo e seu rosto lhe contradigam. Por outro, sua morte civil já foi decretada anteriormente, seja na exclusão a partir do horror ao corpo “não-saudável” ou pela retirada de sua complexidade e de sua agência (*Handeln*), em outras palavras, sua capacidade de decidir sobre seu próprio futuro (GUMBRECHT, 2015, p.15). Durante os anos 80 o sujeito “aidético” passou do “desconhecido sem nome”, para protagonista da explosão de narrativas que recontavam trajetórias de anônimos e famosos - contudo, um protagonismo não no sentido de conferir visibilidade, mas sim de saciar a mórbida e caustica curiosidade do consumo dessas vidas e mortes. Com a incansável luta de diversos movimentos sociais ao longo dos anos como o “Grupo de Incentivo à Vida” (GIV), o carioca “Grupo Pela Vida (Valorização, integração e dignidade do doente de aids)”, e o “Grupo de Apoio à Prevenção da AIDS” (GAPA) – entidade que agoniza frente à negligência do poder público⁴ – hoje existem grandes possibilidades de qualidade de vida, visando políticas públicas efetivas, tratamento acessível, e também nomenclaturas que acompanham concepções positivas do indivíduo, que ressaltem sua agência e valorize sua cidadania, como a pessoa “soropositiva” e a já mencionada grafia da enfermidade em letras minúsculas. Como qualquer outra enfermidade, conviver com a aids vai além de questões de medicina – mas também de direitos humanos, representações com dignidade, linguagem, políticas públicas, etc.

A construção de uma literatura, de fato, em torno do que ronda essa experiência, logo, não se deu de maneira simples, pois, durante anos tais narrativas “pertenceram” às redações e páginas cinzas de jornais. As notícias invariavelmente transmitiam o caráter folhetinesco das situações: vírus produzidos em laboratórios, guerras bacteriológicas, doença da África, sangue, macacos, saunas gay, orgia, sexo anal, drogas injetáveis, rituais de vodu, e por aí vai. O aspecto folhetinesco, além de marcar a nossa compreensão da epidemia, também influenciou na produção e, especialmente, no *consumo* e na *recepção* daquilo que podemos mais estritamente definir como literatura, e mais especificamente, a literatura da aids (BESSA, 2002, p.23). Caio Fernando Abreu demonstrou em diversas entrevistas e também em sua obra, que era um ávido consumidor das notícias sobre a doença e as vítimas que - anônimas ou famosas – foram sendo expostas nessas narrativas:

⁴ Ver: Símbolo do ativismo contra Aids, sede do GAPA é fechada em Porto Alegre. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/simbolo-do-ativismo-contra-a-aids-sede-do-gapa-e-fechada-em-porto-alegre.ghtml> > Acesso em 26 jul. 2018.



A primeira vez que ouvi falar em aids foi quando Markito⁵ morreu. Eu estava na salinha de TV do velho Hotel Santa Teresa, no Rio, assistindo ao Jornal Nacional. “Não é possível” — pensei — “Uma espécie de vírus de direita, e moralista, que só ataca aos homossexuais?” Não, não era possível. Porque homossexualidade existe desde a Idade da Pedra. Ou desde que existe a sexualidade — isto é: desde que existe o ser humano. [...] Por que só agora “Deus” ou a “Natureza” teriam decidido puni-los? (ABREU, 2006, p.43).

Tais reportagens foram suas leituras, proporcionando-lhe fortes inspirações, mas, como escritor, fugiu dessas narrativas melodramáticas, apresentando outras maneiras de tentar compreender essa espiral metafórica, para além da própria questão da elipse do evidente, como mencionado. Nessas narrativas, o leitor deve ser um participante ativo na construção desse entendimento da síndrome, pois sua atenção e perspicácia são necessárias em busca de um melhor entendimento da obra de Caio F. (BESSA, *ibid.*, p. 117). Essa relação autor & leitor, ganha novos desenhos em sua produção, como quem busca elucidar enigmas com aquele que o lê. A intenção desse trabalho não é investigar, desvelar, tampouco “completar” o que Caio escreveu, e sim, colocar esse jogo ao lado de outros enigmas, aqueles que repousam nas inúmeras maneiras de sentir as temporalidades na História.

Passados, metáforas e reencontros: Linda, uma História Horrível

A partir das reflexões de Hayden White (1994), sabemos que a linguagem é um produto cultural específico, permitindo ao seu uso certas liberdades metodológicas, com regras próprias, mas que não necessariamente causam um choque com a realidade, entendida como o “cenário” dos acontecimentos “de fato” do mundo (p.10). Ela, a linguagem, não é um conjunto de “formas” vazias esperando para serem preenchidas com o factual e o conceitual, e sim, ela própria já é carregada de significados antes de ser enunciada – significados esses que se reconfiguram com o tempo, pois os conceitos tem uma história, assim como a próprios atos de se comunicar. O conhecimento histórico pode ser acessado de diversas maneiras e, em especial, por meio da linguagem – justamente porque, no sentido de ligar-se com o passado, nós precisamos *escrevê-lo*. Uma ligação que também é tecida com o presente e nossas expectativas de futuro, bem como as experiências do passado, mas que, invariavelmente, será escrita após as longas e rigorosas etapas da *pesquisa histórica*, buscando dar uma coesão plausível a todas aquelas informações “distorcidas” (uma “confusão dos fatos”) na forma de um texto:

[...] [o historiador] “condensa” os seus materiais (isto é, inclui alguns eventos e exclui outros); “desloca” alguns fatos para a periferia ou para o plano de fundo

⁵ “Markito” era o apelido do famoso estilista Marcus Vinícius Resende Gonçalves, falecido em junho de 1983 por complicações decorrentes da aids. Sua morte se tornou uma espécie de marco na história da enfermidade, pois foi a primeira vítima conhecida no Brasil.



e leva outros para mais perto do centro; codifica alguns como causas e outros como efeitos; une alguns e separa outros - a fim de “representar” a sua distorção como uma distorção plausível (WHITE, 2014, p.129).

Dessa maneira, “criando outro discurso”, o historiador forneceria as bases para a racionalização do discurso em geral sobre algum acontecimento (idem). Apesar das proposições de White serem por vezes ofuscadas pelas controvérsias geradas, seu *insight* sobre as semelhanças entre o processo de escrita literária e histórica é crucial, tanto para uma autorreflexão epistemológica da disciplina, como também para um questionamento do estatuto político do ato de lidar não só com o passado, mas em si, com o *tempo*. Esse mesmo tempo com o qual se estabelece uma relação na escrita também não deve ser tomado como algo natural e evidente, mas sim uma construção específica das sociedades, que em cada época determinam os modos de relação com passado, presente e futuro – sendo essas formas aquelas com que a historiografia em seu início baseou-se, e aos poucos, dando conta de outras tantas manifestações e culturas. Frente às grandes dinâmicas simultâneas na existência humana, o historiador Reinhart Koselleck (2006) observou que a linguagem serve como uma ferramenta imprescindível na gestão dessas mudanças (p.09-11): assim, a literatura, como uma das mais sólidas expressões da linguagem, é o pano de fundo do ato de transformar o tempo em matéria-prima da escrita – um ato de transformação que não é privilégio da historiografia.

A literatura, enquanto prática, também se adaptou às exigências de uma representação adequada à complexidade do indivíduo moderno, em suas nuances e contradições. Muito além de cumprir um papel de descontração, conforme a concepção belletrista de ser um *sorriso da sociedade*, mas sim de dar conta do imaginário – esse elemento organizador do mundo, lhe conferindo coerência e identidade (PESAVENTO, 2000, p.11-12). Esse mesmo “imaginário” é parte de uma “triade”, junto com o *real* e o *ficção*, que tenta substituir a dicotomia “realidade/ficção”, segundo Costa Lima (2006), amparado no crítico literário Wolfgang Iser: à medida que se preenche o imaginário com o *real*, o “ato de fingir” vai sendo verificado ao passo que as transgressões possibilitam a compreensão do mundo reformulado, e também, de que maneira permitem a experiência dos acontecimentos (p.282-284). As narrativas, ficcionais ou não, são um lócus privilegiado na produção de sentido devido à sua importância como prática social de sujeitos históricos – autores e leitores – e como representação da realidade inserida (GOMES, 2012, p.210). Essa realidade, socialmente falando, só foi descoberta como “histórica” no século XIX, e daí nasce o realismo do romance como conhecemos, um ato de interpretação e escrita de uma realidade (WHITE, p.20). O ato de *escrever*, dessa forma, é colocado a serviço do conhecimento, como aponta a historiadora Joan Scott: reproduzindo e transmitindo conhecimento através da



escrita de uma experiência, que por vezes, se faz urgente (1998, p.300). Assim, imerso na urgência que lhe acometeu, foi justamente *escrever* foi o desejo de Caio Fernando Abreu assim que soube estar com HIV.

Triângulo das águas, de 1983, foi escrito e publicado antes mesmo do isolamento e identificação do vírus, tendo a aids, portanto, a forma da “praga/peste gay”, delineada com os traços enigmáticos e desumanizadores que a circundavam e aumentavam vorazmente em seu início, sem uma causa estritamente definida. Como já mencionado, o estilista Markito havia falecido, materializando toda a discussão paranoica sobre “sexo e morte”, estrangeira até então e alimentada desde 1981. *Pela noite*, a terceira novela do livro foi escrita e lançada nesse contexto, com sua narrativa acompanhando as marcas daquele momento obscuro, mas ainda guardando possibilidades de uma guinada à felicidade. De fato, a partir de *Pela noite*, a enfermidade e seu espectro se farão presentes de maneira única nesse universo literário, atravessando personagens e eventos, de maneira geralmente oculta, exigindo do leitor uma atenção redobrada. Além das obras utilizadas nesse trabalho, também podemos mencionar *O Homem e a Mancha*, premiada peça de teatro escrita por Caio F., que veio a falecer antes de ser encenada, um monólogo preenchido de referências a Dom Quixote de La Mancha, dramas épicos, e ao espírito de paranoia e morte decorrentes da doença.

A abordagem se distancia de outras produções literárias sobre o tema, como a produção de Herbert Daniel, na sua intenção de “desmistificar” a doença, tratando-lhe por “aquilo que de fato é”. A linguagem oculta e metafórica, assim, acompanha o contexto de descobertas que se desdobravam nos jornais semanalmente – porém, a paranoia e a falta de clareza na própria existência é justamente um dos fatores da novela que serve como reflexo daquele cotidiano: “Os olhos dos dois tornaram a se cruzar. Tão raro. Nas ruas, nos ônibus, nos elevadores. Você me reconhece? E por me reconhecer, tem medo? A peste de que nos acusam. E assustado. Baixou-os, baixavam quase sempre, os olhos [...]” (ABREU, 1991, p125).

A noite do título da novela é permeada pelo vertiginoso jogo de sedução entre os dois protagonistas, Pérsio e Santiago, em uma São Paulo que se apresenta como cenário para aqueles sujeitos, em seu intenso reconhecimento de si na experiência do outro, à medida que vão desvelando suas vidas, seus desejos e, sobretudo, seus passados. Ambos dissecam suas emoções e diferenças, um caminho que, inevitavelmente, vai em direção à separação e ao desencontro amoroso. Eis que, no amanhecer, o escritor dá uma guinada, e proporciona o encontro dos dois, possibilitando então um vislumbre da união romântica que vence a mágoa, a solidão e a



autodestruição, atravessando, como diz o nome da obra, *pela noite*, rumo a algo que se propõe como novo: o sol nascente, a manhã, o dia seguinte, conhecidos moldes de representações em nosso imaginário daquilo que se anuncia como *novo*. A obra, como já ressaltamos, é de 1983. Alimentavam-se inúmeras esperanças referentes à aids e ao HIV – um mal passageiro, o sonho da ajuda governamental, acolhimento de setores religiosos, tratamento acessível, o fim da paranoia e discriminação, e, mais do que qualquer outra tábua de salvação, a *cura*.

Considerada a primeira obra literária brasileira a tematizar a aids, *Pela noite* atravessa os medos e obstáculos que se erguem ao redor da enfermidade, proporcionando a Pêrsio e Santiago um *happy ending*, que, não somente constrói o amor romântico tão negado à homossexualidade masculina, mas que também “vence” aquela enigmática doença, que tanto lhes atemorizava. Um campo de possibilidades muito diferentes seria observado dali a cinco anos. Em 1988, com o peso discursivo já em curso, a aids já era algo conhecido mundialmente, e nesse contexto, Caio F. lançou outra obra que tematizou não somente a aids, mas a geração daqueles atingidos, que, golpeados, tiveram sua liberdade roubada. Logicamente, o *happy ending* como o de *Pela Noite* já não era algo tão simples.

À época do lançamento de uma de suas obras mais notórias, Caio F. assim escreveu à sua amiga Jacqueline Cantore: “Estou muito envolvido com *Os dragões* (o livro) *É muderrno*, tem o clima destes (negros) tempos” (MORICONI, p.156). Que “(negros) (sic passim) tempos” seriam esses retratados nos treze contos de *Os Dragões não conhecem o Paraíso*, lançado em 1988? Dessa forma, no sentido de delimitar precisamente o objeto de análise deste capítulo, temos foco em dois contos de *Os Dragões*. Defendo que tais contos – *Linda, uma História Horrível; Saudades de Audrey Hepburn (nova história embaçada)*, assim como a maior parte dos outros onze – são importantes componentes de uma produção literária que não necessariamente “traduz”, mas ajuda a refletir sobre o tempo e como ele é experienciado nas relações humanas, em um contexto específico como o brasileiro. Os “(negros) tempos” da segunda metade dos anos 1980 são os tempos da frustrante reabertura democrática, após mais de duas décadas de traumática ditadura civil-militar; os tempos de uma recessão econômica devastadora; dos fortes indícios do fim do ideal socialista, e, aqui especialmente, os *tempos* que acompanhavam a aids, com as vidas ceifadas ao longo dos anos, e o sequestro da rasa liberdade conquistada; marcando o presente e deixando o futuro ainda mais obscuro, impondo um verdadeiro “estado de sítio afetivo-sexual” (BESSA, 2002, p.120). Um tempo ator e agente, que, como aponta François Hartog (2017, p.13), engendra-se na distância que se cava entre a *lembrança* e a *esperança* – essa última, lançada ao futuro, obedecendo às categorias de Koselleck. A *esperança*, sendo parte do futuro, é também



obscurecida, e tal fenômeno não se observa somente a partir do final daquela década, mas nas anteriores. Dentre alguns indícios, podemos mencionar o sentimento de um tempo acelerado, as desilusões, ou fim das ilusões nos anos 1970, o desemprego em massa, o enfraquecimento do Estado de Bem-estar Social, a crise econômica de 1974 – enfim, o ideal que o *amanhã* seria melhor do que o *hoje* (HARTOG, 2014, p.147).

Lançando mão de uma linguagem alegórica, por meio de associações a cores⁶, sensações e sintomas, as metáforas vão compondo o significado dos contos, abrindo ainda mais as possibilidades de leituras e abordagens, a partir das descrições dos acontecimentos e suas repercussões, direta ou indiretamente, intimista ou não:

Na ponta dos dedos, tocou o pescoço. Do lado direito, inclinando a cabeça, como se apalpassse uma semente no escuro. Depois foi dobrando os joelhos até o chão. Deus, pensou, antes de estender a outra mão para tocar no pêlo da cadela quase cega, cheio de manchas rosadas. Iguais às do tapete gasto da escada, iguais às da pele do seu peito, embaixo dos pêlos (ABREU, 1988, p.22).

A *metáfora* é um dos quatro tipos gerais de tropos estabelecidos pela teoria retórica neoclássica, junto da metonímia, sinédoque e ironia, tratando então dos princípios da “similitude”. Segundo Hayden White (1994, p.10), as estruturas tropológicas da linguagem nos fornecem uma classificação mais refinada dos tipos de discursos históricos, do que os modelos ancorados em representações “lineares e cíclicas” do processo histórico, permitindo então ver mais claramente as proximidades entre o discurso ficcional e o histórico, nas estratégias que visam dotar os eventos de significados. As metáforas utilizadas nos contos fornecem diretrizes que evocam as imagens necessárias, e ainda referenciando White, diretrizes essas que facultam encontrar o conjunto de imagens que se pretende associar àquela coisa, “em função de sua semelhança ou diferença com um outro, à maneira da analogia ou símile”, uma “transferência”, literalmente (1992, p.49). Assim, funciona como “símbolo”, e não como “signo”, não necessariamente fornecendo uma “descrição”, mas dizendo *quais imagens* procurar em nossas experiências passadas, visando determinar de que modo devemos nos sentir em relação à coisa representada: um processo semelhante à narrativa histórica, de acordo com o historiador

⁶ A cor roxa é amplamente utilizada nas metáforas da aids no discurso literário, em especial, para metaforizar a questão em autores que preferem, por diversas razões, elipsar o nome da doença ou do vírus, instrumentalizando metáforas delicadas que exigem uma atenção maior do leitor. Essa aproximação ocorre devido a um dos sintomas mais dramáticos comuns à enfermidade, o sarcoma de kaposi, um tipo de câncer de pele manifestado em manchas róseas ou roxas. No Brasil, além de Caio Fernando Abreu, o escritor Plínio Marcos também se faz muito lembrado na elaboração literária desse sintoma, em especial em sua peça “A Mancha Roxa”, de 1988. Assim como em Caio, não se faz menção direta ao HIV ou à aids, que por sua vez também desenvolveu uma peça que alude a esse sintoma, a premiada “O Homem e a Mancha” (1996). Da mesma forma, a “semente no escuro” do conto faz alusão ao sintoma dos gânglios inchados (ínguas), referente ao aumento das glândulas no combate às infecções. As metáforas acerca desse indício também estão em outros contos dos *Dragões* e *Onde andaré Dulce Veiga?* (1990).



estadunidense. Como ressalta Mello (2014), concebe-se uma espécie de “comparação subentendida, entre autor e leitor, a respeito de algum tema” (p.188). O trecho do conto acima foi retirado dos momentos finais de *Linda, uma História Horrível*, conto dedicado a Cazuzu, que abre *Os Dragões*. Nele, o narrador, um homem do qual não sabemos o nome⁷ faz uma visita inesperada à sua mãe, já tarde da noite e após um bom tempo sem se encontrarem, trocando abraços desajeitados e mergulhando na memória afetiva que desperta com o ato do reconhecimento (ABREU, 1988, p.14). Na antiga casa de sua infância, além de sua mãe reside uma cadela, já velhinha, de nome Linda, e aí então compreendemos o encontro daqueles três: acometido pela aids e face à morte inescapável, o narrador, descrito como um homem ainda jovem, próximo dos quarenta anos, é parte de um círculo de finitude, junto da sua “velha e esclerosada” mãe, e também como a cadela que havia lhe feito companhia tantos anos antes. No reencontro, o narrador mostra sua dificuldade de aceitar o processo de adoecimento, cortando o assunto sobre saúde quando sua mãe lhe pergunta citando justamente as “doenças novas” que tinha visto na televisão, “umas pestes”:

Levantou os olhos, pela primeira vez olhou direto nos olhos dela. Ela também olhava direto nos olhos dele. Verde desmaiado por trás das lentes dos óculos, subitamente muito atentos. Ele pensou: é agora, nesta contramão. Quase falou. Mas ela piscou primeiro. Desviou os olhos para baixo da mesa, segurou com cuidado a cadela sarnenta e a trouxe até o colo (ABREU, 1988, p.18).

Essa resistência ao “enfrentamento”, ou precisamente, ao ato de verbalizar sobre o adoecimento, em parte se deve a essa interrupção na interação com pessoas que podem ser parte do passado da pessoa soropositiva enquanto alguém “saudável”. Uma ruptura em dois sentidos, quando se reflete sobre a dupla questão da “quebra da linearidade” da vida, pois, se por um lado existe a condição homossexual, por outro, a condição de “aidético”. Michael Pollak (1990, p.103) observa semelhanças nesses pontos quando menciona que a infecção pelo HIV reforça tragicamente uma experiência social sujeita às eventualidades de relações baseadas no *não-dito*, sendo esse silêncio ou dissimulação uma resposta ao receio da rejeição ou do julgamento moral. Logo, o reencontro não é somente de cunho familiar: potencializado pelo círculo de aproximação da finitude: é também um reencontro com os diversos passados que lhes atravessam - um passado marcado nas mágoas, na lembrança da infância e adolescência, no desencontro; e também o passado “recente” daquela relação, estremecida por algo não evidente, mas que suscita

⁷ A questão da identidade onomástica - no caso, a ausência dela - é sempre uma questão a ser debatida na obra de Caio F. Na maior parte de sua obra, seus narradores/as são indivíduos dos quais não sabemos os nomes, ou que são identificadas imediatamente com um nome falso, e tal *masquerade* é mais um dos dispositivos aplicado pelo autor no sentido de aprimorar sua narrativa e a interpretação por parte do leitor. Reforçando a questão da anonimidade, Bruno Souza Leal escreveu: “mesmo quando um nome é dado, isto simplesmente não significa muito, expõe apenas a distância existente entre aquele que fala e aquele que é falado”. Cf. LEAL, 2002 (p.58).



hipóteses, como a homossexualidade do narrador. Esse ponto vem à tona quando, na conversa, surge a figura do ex-companheiro do narrador, sobre o qual não são fornecidas muitas informações além de seu nome:

Ele abriu os dedos, certa ânsia. Saudade, saudade. Então ela recuou, afundou os dedos na cabeça pelada da cadela.
- O Beto gostou da senhora. Gostou tanto - ele fechou os dedos. Assim fechados, passou-os pelos pêlos do próprio braço. Umas memórias, distância. (ABREU, 1988, p.20).

Essa sensação de “distância nas memórias” é um dos efeitos produzidos pelo impacto do adoecimento, pois, como vemos em Pollak (1992), os elementos que constituem a memória são eventos e lugares empíricos, mas que também podem ser fundados em projeções de outras pessoas e identificações com determinados passados, uma memória também constituída por indivíduos e lugares (p.02). Trata-se, então, de reconstruir o passado a partir da lembrança, um ato de lembrar que é feito no presente e baseado em como nossas representações se dão na atualidade.

Partindo de uma memória que se apresenta confusa e fragmentada - pois, como vemos no trabalho desse sociólogo, ela sofre flutuações no momento que é articulada, expressa a partir das preocupações do *agora* – concebe-se um trabalho de organização, na intenção de conferir coerência e, em especial, *continuidade* dentro do tempo, moral e psicologicamente, uma parte essencial na constituição da identidade (idem, p.04-05). Ora, são justamente os elementos dessa continuidade no tempo (íntimo e social) aqueles mais impactados frente à experiência-limite da aids na epidemia discursiva: a morte considerada não somente certa, mas “justa/coerente” com a vivência homossexual, sequestrando o horizonte de expectativas que projetamos em nossa existência, e, conseqüentemente, a partir desse choque da impossibilidade da continuidade temporal, deflagra-se uma intensa revisão da identidade e autorreconhecimento. Portanto, em certas etapas da construção da identidade daquele acometido pela aids, se faz impossível uma coerência entre a imagem de si mesmo, e aquela que deve ser percebida pelos outros, segundo nosso desejo – e conforme Dilene Nascimento (2005), é fundamental para a estabilidade e o equilíbrio de alguém nesse processo de adoecimento, que exista coincidência entre a imagem de si e a que dela tem o outro (172-173). Igualmente, falar da aids implica pensar o indivíduo e em suas *estratégias* na busca de uma nova identidade, uma solução temporária para a questão da continuidade no tempo, constituindo o indivíduo simultaneamente enquanto *fato* e *valor*. A solidão e as estratégias de reelaboração são também mencionadas por Caio em carta enviada a Jacqueline Cantore, quando fala de sua readaptação após o diagnóstico de HIV positivo:



Na seca de amor que sinto agora, nesta Porto Alegre que é como uma enorme plateia à espera do Desfecho Trágico da Desvairada Vida de Caio F. para imediatamente providenciar algum nome de biblioteca num centro cultural de subúrbio, nesta Porto Alegre onde ninguém exceto Luciano Alabarse e Lya Luft me procuram sinceros e leais, sozinho com a velhice dos meus pais, minhas plantas me consolam. Aprendo com elas o que não sei se terei tempo de aplicar [...] (MORICONI, p. 330).

Assim como o escritor estendeu a finitude a um paralelo com seus pais, a aproximação da morte é um fenômeno compartilhado pelo narrador de *Linda* com sua mãe e a cadela, e o reencontro visa mais do que uma reconciliação, mas uma *organização* do passado, das lembranças, num *topos* já muito elaborado literariamente: o rearranjo da vida na busca de uma nova ideia de futuro, ou de um presente a curto e médio prazo efetivamente positivo. São algumas das opções frente a um futuro obscuro e ameaçador – mas que, sem dúvida, ilustram a complexidade e a universalidade das experiências sensíveis, sem, logicamente, retirar seu caráter singular. A aparente contradição relativa a essas dinâmicas dos “conflitos de temporalidade” - que deságum nesses gestos no presente de “recuperar o tempo perdido” - se dá justamente devido à potência dessa experiência-limite, com características particulares de outras experiências de adoecimento ou de certeza da morte. Contradições que afetam nas maneiras em como nos posicionamos com e, sobretudo, *no* tempo, frente a uma situação carregada de discursos referentes à morte, ao castigo, e ao fim – um fim que, dado as possibilidades e o contexto discursivo, é bem diferente do *happy ending* da novela *Pela noite*.

Tempos divididos: Audrey Hepburn entre a experiência e a expectativa

Uma “desordem” semelhante acomete o narrador de *Saudades de Audrey Hepburn (nova história embaçada)*, conto que se desenrola entre uma festa de véspera de São João e os “flashbacks” do narrador sem nome, durante as horas e dias que seguem à festa. A narrativa parte do “embaço” já anunciado no título – ou, mais precisamente, dá-se início a partir do signo da *perda*: “PERDEU-SE dele logo após encontrá-lo, numa véspera de São João”, são as palavras que abrem a história (ABREU, 1988, p.49). Diluindo seu narrador entre sujeitos identificados de acordo com os interesses do fluxo de seu pensamento - “perdido entre a Pantera Loura Disposta a Tudo Por um Status Mais Elevado, (...) e o Patriarca Meio Sórdido Fugido Das Páginas De Satyricon”, beijando a “Psicanalista Conflituada Com O Elitismo Da Própria Profissão”, “apertando a mão sem envolvimento, do estudante de Pós-Graduação indeciso Em Assumir Sua Evidente Homossexualidade”, e “trocando duas ou três palavras com o Escritor Que Conseguiu Mais Sucesso Na Itália Que No Brasil” (ABREU, 1988, p. 50) – de imediato observamos a usual sagacidade da crítica de Caio F., direcionada especialmente àqueles que justamente compuseram



(e ainda compõem) um de seus principais filões de leitura: a classe média intelectual, blindada pelo status de um sujeito racional e supostamente coeso, do *cogito* cartesiano, que, em realidade torna-se uma máscara de individualismo nos tempos e subjetividades fragmentadas que são apresentadas, não mais dependentes exclusivamente do pensamento. Como escreve Gumbrecht (2015), o “hábitat histórico” desse sujeito cartesiano foi o presente manifestado como “mero momento de transição”, entre as alinhadas experiências passadas e toda a gama de possibilidades futuras (GUMBRECHT, 2015, p.64-65), porém, pontua ele, o horizonte de possibilidades abertos à ação (*Handeln*) não é, de modo algum, o que se apresenta. Assim, na festa junina, o narrador perde-se em lembranças, compondo um verdadeiro caleidoscópio mnemônico e, auxiliado pela astrologia e pelos orixás, faz uma rígida divisão entre aquilo que se encontra no passado, nas memórias que emergem, e o seu próprio presente. Entre nostalgia e constatação, esse mesmo tempo presente é cercado por uma aura de fragmentação, com menos chance de agência: enquanto observa a fogueira de São João, com a guia do orixá - não por acaso representante do fogo e da justiça – e sabemos desde o início do conto sobre o quê devemos entender como o divisor entre o *antes* e o *agora*:

Era quarta-feira, usava uma guia de Xangô, vermelha e branca. A mesma que tempos depois arreventaria num estalo inesperado, ao tirar a última peça de roupa para deitar-se ao lado de um outro qualquer. *Sem medo da morte, porque esta quase história pertence àquele tempo em que amor não matava.* (GUMBRECHT, 2015, p.50, grifo meu).

Lembremos que, para Caio F., *Os Dragões* refletiria os “negros tempos” de sua atualidade: assim, podemos pensar que o narrador desse conto também compactua desse sentimento, ao mencionar a noite amorosa do “tempo em que o amor não matava”, esse *antes* permissivo e impossível de ser repetido no presente. Anteriormente, mencionei sobre a complexidade da relação Eros e Thanatos – “sexo e morte” – tão largamente associada à aids, a qual o escritor utilizou-se na construção de seu projeto literário, pois não somente em *Saudades de Audrey Hepburn*, mas em outras obras Caio F. também discutiu essa tensão, de maneira mais ou menos “explícita”, explorando esse potencial⁸. Trata-se também de uma relação que dialoga com as inúmeras campanhas do Ministério da Saúde entre as décadas iniciais da aids, envoltas em preconceitos e incitações ao medo. Os slogans e campanhas do Ministério da Saúde (no alarmismo de dizeres no estilo “AIDS mata”) decorrentes dessa associação, alimentaram as

⁸ Em *Sob o céu de Saigon*, conto escrito publicado em *Ovelhas Negras* (1995), um casal homossexual se encontra na frente de um cinema, que exhibe o filme *Sid e Nancy – O Amor Mata*, (Sid and Nancy) de 1986. O rapaz repete para si mesmo, baixinho: “love kills, love kills” (o amor mata). Outro exemplo, um conto de *Os Dragões*, é *Uma Praiazinha de Areia Bem Clara, Ali, na Beira da Sanga*, no qual Caio F. coloca na epígrafe a famosa citação de Oscar Wilde, “each man kills the things he loves” (todo homem mata as coisas que ama). Demonstro a relação Eros-Thanatos nesses exemplos, porém, na vasta composição literária do escritor, ela se faz presente em inúmeros momentos



redações jornalísticas e o entendimento da enfermidade, igualmente contribuindo para a narrativa que se criou sobre o HIV/aids - com a qual Caio F. efetivamente rompe e elabora uma releitura.

De qualquer forma, nesse conto, a sensação de confusão derivada dessa divisão (antes/depois) que remete ao “tempo em que o amor não matava” não parece estar interiorizada no narrador da mesma maneira que está em *Linda, uma História Horrível*: a diferença é que nada indica naquele conto que o narrador esteja doente, mas sim, imerso na situação de *latência*⁹ da aids, forçada pela presença da enfermidade. Algo se perdeu no passado, cujo primeiro indício é a rigorosa separação entre o *antes* e o *agora*, onde o amor de fato pode matar, pontuando estágios diferentes de conflito daquele apresentado em *Linda*. O silencioso desespero dá lugar a uma contemplação quase estoica dos acontecimentos – o passado é inatingível, mas interfere no presente, envolvido pelas memórias e pelo individualismo, ilustrado sarcasticamente com os tipos identificados em sujeitos estáticos, como mencionamos anteriormente. Um presente automatizado, provocando estranheza e ressaltando a incapacidade de ação:

[...] lava devagar as mãos com sabonete alma-de-flores, passa água de alfazema, respira, esperando que o telefone toque para salvá-lo pelo menos momentaneamente desse momento que não decifra nem adjetiva. *O telefone não toca e, sem garantias, ele continua a lembrar. Tão perigoso, mesmo passado.* [...] Lembra realmente só que voltou atrás, em busca de um café, um bar, um cigarro, talvez um conhaque para ajudar a compreender o que acontecia. *Mas nada acontecia.* Só restava tomar um táxi, dar o endereço, um livro nas mãos, comentar o tempo, a crise [...] dobrar à esquerda, dobrar à direita, always in front of: reclamar, pagar, descer. [...] um livro que lia depois, para encontrar versos como uma conversa que esquenta até os ossos sem dizer precisamente nada, não agora, *enquanto ele era pouco mais que uma câmera registrando silenciosa, impessoal, todos aqueles urbanos excessos juninos* (ABREU, 1988, p.50-52, grifos meus).

Para compreender esse *gap* de sensibilidade e ação que o paralisa e o confunde, o narrador aciona as lembranças por outro viés interpretativo, através, literalmente, do recurso do “flashback”, de um passado no qual se projetavam ideais melhores, em um amplo escopo de futuro: “FLASH-BACK: Escreviam nomes em pedacinhos de papel umedecido, que colavam nas bordas da bacia de ágata. Então um barquinho de papel acabava por aportar lentamente num dos nomes” (ABREU, 1988, p.52). Esse recurso narrativo, geralmente concebido como uma ferramenta fílmica devido a seu caráter visual, é um meio estilístico de representação, como os

⁹ Sobre esse conceito, Gumbrecht assim o define, pensando sobre a II Guerra Mundial e o Holocausto: “Por “latência”, quero indicar a situação que o historiador holandês Eelco Runia definiu [...] utilizando o passageiro clandestino como metáfora. Numa situação de latência e, sobretudo na presença de um clandestino, nós estamos certos de que existe algo lá que não conseguimos apreender – e que esse “algo” tem uma articulação material; e, portanto, requer espaço. Obviamente, nós não sabemos onde aquilo que está latente pode estar. Como nós não apenas não sabemos onde o que é latente está, assim como não sabemos o quê ou quem é latente, nós não temos garantias de que possamos reconhecê-lo se ele se mostrar.” Cf. GUMBRECHT (2010 p.313; 2014, p.40).



“flash-forwards” (avanços no tempo que visualizam o futuro de determinados acontecimentos). Koselleck (2006) lhe distingue como um instrumento útil para elucidar um momento crítico ou decisivo no decurso da narrativa, reafirmando o “antes e o depois” que constituem o sentido; pois aquilo que constitui o evento, a experiência histórica propriamente dita, está necessariamente inserida na sucessão temporal (p.134). Assim, em *Saudades de Audrey Hepburn*, os flashbacks buscam compor um panorama que auxilie o narrador tanto a elucidar sua confusão referente ao presente como, nostalgicamente, aproximá-lo desse “tempo em que o amor não matava”. Uma experiência impactante no sentido do choque na certeza de estar situado, enquanto parte da sociedade, no tempo - semelhante àquele sentimento de continuidade tão caro à composição da identidade, como referenciado anteriormente em Pollak. A certeza, ou ameaça latente da morte ligada à sexualidade, bem como seu efeito psicológico e social já foram aqui discutidas, mas como se forma essa apreensão do tempo, “historicamente” falando?

Partindo de um questionamento – na verdade, uma provocação – de Hayden White, quando se pergunta sobre qual a chance de alguém realmente acreditar que a ficção literária não se referir às verdades do mundo real (ou que não forneça um conteúdo útil (1994, p.05), sabemos que todo texto ficcional pode ser transmitido como fonte de informação em maior ou menor nível, ou mesmo ser usado como testemunho de facticidade, e sabemos disso não somente porque Koselleck assim afirmou (idem, p.254), mas também devido a nosso contato cotidiano com a literatura (ou produções textuais em geral) que, numa soma de aprendizados através da leitura, nos servem como conhecimento sobre o mundo, mais ou menos útil, e que, invariavelmente nos dizem coisas.

No processo de inteligibilidade dessas informações, nos situamos entre o *antes*, o *agora* e em nossas projeções do *depois*. Anteriormente, citando Hartog, mencionei sobre o tempo como “ator e agente”, que se constitui na distância entre a lembrança (a experiência) e a esperança (a expectativa). Esse tempo histórico, que se dá entre essas categorias, é a matéria-prima da escrita do historiador, que ao trabalhar sobre ele, movimenta-se em dois planos, de acordo com Koselleck: ou verificam-se fatos já articulados na linguagem, ou, através de hipóteses e métodos, reconstroem-se fatos, revelados a partir de vestígios. No primeiro caso, que aqui damos atenção, os conceitos tradicionais da linguagem das “fontes” servem de acesso heurístico, uma descoberta em seus próprios significados, em busca de compreender uma realidade passada (p.305-306). As duas categorias propostas pelo historiador alemão, que pensam a construção do tempo – o espaço de experiência e o horizonte de expectativa – devem, entretanto, ser pensadas “para fora da linguagem” quando se analisam as fontes, apesar da aparente contradição metodológica da



afirmação. Para Koselleck (apud VILLAS BÔAS, 2014, p.107) “Há [...] em todas as ações elementos extra, pré, e pós-linguísticos que conduzem a uma história”. Dessa forma, a evidência dessa colocação do tempo nem sempre estará na superfície, mesmo que sejamos atravessados por essa composição entre experiência e expectativa. Em suas palavras: “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem”, e mesmo que, ele segue, isso ainda nada diga sobre uma “história concreta” (KOSELLECK, 2006, p.306), a professora Luciana Villas Bôas, estudando a obra desse historiador, pontua que é a renúncia a interpretações teleológicas que abrem espaço para a análise de uma pluralidade de percepções e ações – cujos sentidos não podem ser fixados de antemão (2014, p.94). Assim, as categorias “koselleckianas” afirmam-se num alto grau de generalidade - o que talvez auxilie, se necessário, em justificar sua instrumentalização em nossos objetos de análise - e assim, fazem-se mutuamente necessárias. Mesmo assim, a ideia de simetria é uma ilusão: pontuando que tais conceitos têm formas de serem diferentes, apesar de relacionarem-se na coordenação do passado e do futuro, Koselleck (2006, p.310) estabelece tais nomenclaturas, pois a expectativa abarca mais do que a “esperança”, e a experiência, por sua vez, é mais profunda do que a “lembrança” (recordação). Por isso, produzem a relação interna com o tempo, entrelaçando passado e futuro, dirigindo ações concretas e produzindo a relação interna entre passado e futuro, *hoje* e *amanhã* (KOSELLECK, 2006, p.308, grifo meu).

Devemos compreender a “experiência” como um “passado atual”, no qual os acontecimentos foram incorporados, podendo ser lembrados; e também como o local da (re)elaboração racional das formas inconscientes de comportamento, conservando, sobretudo, a experiência alheia. A expectativa, por sua vez, é voltada à pessoa e ao interpessoal, realizada no *hoje*, projetando o futuro no presente, voltado para o que pode ser previsto (KOSELLECK, 2006, p.310). Assim, *ipsis litteris*, o historiador é categórico: “Resumo deste longo discurso: é a tensão entre experiência e expectativa que, de uma forma sempre diferente, suscita novas soluções, fazendo surgir o tempo histórico” (KOSELLECK, 2006, p.313). Um tempo histórico em mutação.

Entretanto, no sentido de precisar ainda mais suas hipóteses com nossos objetos, necessitamos ir além: como bem resume Villas-Bôas (p.108-109), em *Ser e tempo* (Partes I e II), de 1927, Heidegger (2005) apresentou seu esboço ontológico para pensar as condições de histórias possíveis, a partir da experiência da finitude (*Endlichkeit*) da existência humana (*Dasein*), e dentre



os tantos conceitos por ele empreitados, está o “ser livre para a morte” (*Freisein zum Tode*)¹⁰. Em 1985, durante uma conferência, Koselleck chama a atenção para a dimensão política de tais conceitos, enfatizando que, independente da “precaução metodológica”, após a II Guerra, tais conceitos e termos que versam sobre a “antecipação em direção à morte” não escapam de seus significados políticos, ou seja, há uma “ideologização” inescapável nesse vocabulário filosófico - mesmo que desenvolvido antes de Hitler chegar ao poder (1933)¹¹. Assim, analisando os limites da finitude do *Dasein* e da “antecipação à morte”, o êxito de Koselleck está em desenvolver uma teoria, complementando e redefinindo as categorias heideggerianas: possibilitando uma interpretação de antropologia histórica dos conceitos *ontológicos*, provocando uma “ruptura teórico-conceitual” que deságua em uma teoria da história. Em sua leitura, Koselleck bem entende que Heidegger - assim como Santo Agostinho nas *Confissões* - mesmo sublinhando a “composição temporal da existência humana” como uma condição para que a história seja possível, não estendeu os questionamentos ao “tempo da história”. Dessa forma, o historiador, seguro de seus conceitos - mas também amparado por um dos maiores nomes da hermenêutica - afirma:

Permanece em aberto se as estruturas temporais intersubjetivas da história podem ser suficientemente deduzidas de uma análise da existência. No que segue tenta-se empregar as categorias meta-históricas da experiência e da expectativa como indicadores das transformações também no tempo histórico. A implicação histórica de toda experiência foi descoberta por H. G. Gadamer [*em Verdade e Método*, 1960] (KOSELLECK, 2006, p. 363).

Para além de categorias que suscitam uma maneira tão única de situar-se no tempo, alteram-se incontornavelmente os rumos do conhecimento histórico, em bases “artístico-filosóficas”, por assim dizer. Como White destaca o papel da “imaginação” do historiador no processo de “enredamento” (1994), para Villas-Bôas (2014), essas aproximações tematizam explicitamente a dimensão da historiografia, e semelhante ao poeta e ao artista, o historiador alcança seu objetivo através da fantasia e de sua capacidade de “adivinhar”: - mas ainda assim, resultado de um longo processo de redefinições de fronteiras:

A escrita da história deixa de ser regulada por perceptivas retóricas e passa a ser objeto de reflexões estéticas e histórico-filosóficas. A história em si, [...] leva ao novo enlace entre poética e teoria da história, ficção e fatos. [...] o desenvolvimento de uma literatura historiográfica em alemão resultou da “osmose recíproca” entre a arte do romance e a escrita da história. A associação

¹⁰ Cf. Primeiro capítulo: A possibilidade da presença ser-toda e o ser-para-a-morte; Quinto capítulo: temporalidade e historicidade. (HEIDEGGER, 2005)

¹¹ Escreve o historiador: “aprendemos com o tempo, reunimos novas experiências. Portanto, também as experiências já adquiridas podem modificar-se com o tempo. Os acontecimentos de 1933 aconteceram de uma vez por todas, mas as experiências baseadas neles podem mudar com o correr do tempo”(KOSELLECK, 2006, p.312-313).



entre poética e história não se limita à incorporação historiográfica de técnicas literárias; possibilita a reconceitualização do conhecimento histórico a partir de categorias estéticas. [...] a força da imaginação (*Einbildungskraft*) que se refere ao trabalho criativo do artista e do poeta, passa a distinguir também a pesquisa e a escrita do historiador (VILLAS-BÔAS, 2014,p.14).

Com isso em mente, podemos voltar a olhar para os contos de Caio Fernando Abreu, compreendendo a potência dessas sensações que, a cabo, provocam a dessubjetivação na experiência-limite da aids, bem como nos efeitos de sua latência: a confusão, a fragmentação, a nostalgia, a perda. Mesmo que em *Linda* tais impressões ocorram devido ao contato direto com a proximidade da morte (uma leitura apressada), elas não se apresentam menos complexas ou com menor potencial interpretativo, pelo contrário. Se o horizonte de expectativas é desenvolvido com base no espaço de experiência – ou seja, no passado que pode ser lembrado - naquele reencontro familiar as memórias não parecem suprir para cobrir tudo aquilo que está latente, e que precisa ser sentimentalmente remediado. Da mesma forma, essas lembranças não parecem ter uma utilidade efetiva frente ao círculo da proximidade da morte que se fecha naqueles três, na forma de uma expectativa negada: é tarde demais.

Sabemos que esses pontos se fazem mais delicados para o narrador, que se encontra em um estágio da vida cujos discursos e imagens de sucesso, saúde e maturidade, com “um futuro pela frente” são a todo tempo destacados e valorizados pela sociedade, em seu idílico processo de civilização. Com o horizonte obscurecido e ameaçador, vemos um homem perdido frente a um futuro que se mistura com a morte e o isolamento, com reconciliações demais para fazer em pouco tempo – uma vertiginosa sensação de aceleração, cuja densa discussão teórica por agora escapa ao trabalho que propus, mas que podemos pensar como uma força que arrasta aquilo que seria o futuro, lhe fagocitando em direção ao passado (ou seria um presente estendido?¹²), criando um acúmulo de experiências sem chance de reflexão, ou mesmo traumáticas, obliterando possíveis futuros. Refletindo sobre suas categorias, Koselleck aponta que a experiência adquirida pode *modificar-se* com o tempo, pois elas se sobrepõem, impregnando-se umas das outras (p.13): por isso o reforço em afirmar a importância de discursos para além do hegemônico, bem como produzir e conhecer outras imagens da pessoa doente e da própria enfermidade, que podem então se reconhecer em imagens positivas, vislumbrando novas perspectivas, abertas pela sucessão de novas experiências, possibilitando enfim maior atuação da expectativa, e também maior agência no presente.

¹² Cf. HARTOG (2014); GUMBRECHT (2015).



Em certo nível, também é o porquê da divisão entre o “hoje” e o “tempo em que o amor não matava” de *Saudades de Audrey Hepburn* ser tão marcante e essencial para nossa análise. É essa falta da sensação de coerência entre o espaço de experiência e o horizonte de expectativa que origina essa fragmentação, desorientação e, especialmente, a sentimento de *perda*. Perturbações que, devido à força do trauma, e da dificuldade posterior em elaborá-lo (como um processo de luto), alteram também as projeções de expectativas no passado, como ilustra o final de um dos flashbacks:

Do Flipperama ao lado do Jeca à esquina da Praça da República: *mil possibilidades*, todas furtivas. *Agora, talvez mortais*. Jogarei seis vezes as moedas do I Ching para encontrar Fogo sobre Fogo, o Esplendor. Tudo confirmará. *Mas nada acontecerá*. Ah: conheço essas rimas em á. E depois delas, passaram-se anos. Aqueles, em que se perderam, sem terem chegado a se encontrar. (ABREU, 1988, p.53, grifo meu)

Um gatilho interpretativo é acionado enquanto o narrador observa a fogueira de São João, quando escuta uma conversa na qual uma moça se despede da festa, pois precisa ir embora porque vão passar dois filmes com Audrey Hepburn na televisão, e daí o nome do conto encontra seu porquê: a partir dessa fala aparentemente sem significado, novas lembranças e flashbacks passam pela mente do narrador, numa profusão de lembranças rápidas, em inúmeras referências ao cinema, literatura e suas vivências, transformando o conto em uma comovente cachoeira confessional. A partir do passado lembrado, à medida que é descrito, identifica-se e diferencia-se a “crise permanente” que lhe atravessa naquele momento, “sobrevivendo” ao invés de “viver”, mergulhado em um presente de estagnação:

Na fogueira, quem sabe dentro dela, memórias manchadas de adrenalina, que tudo vinha num excesso de cafés e agostos. Já que não tentaria o suicídio pela quinta vez [...] já que fora dispensado após tantos anos de análise, já que a *crise permanente* parecia ser a forma mais estável de *sobreviver*, já que ninguém lembrara de assassiná-lo nem pedi-lo em casamento, já que podia olhar em volta e em menos de um minuto escolher alguém para conversar dizendo coisas como você anda sumido (a), e aí, conta mais, diga lá, toma outra - em nome disso, prossegua, embora sem saco. (ABREU, 1988, p. 53, grifo meu)

Em casa, “muito mais tarde”, e “como um estranho flashback premonitório” (ABREU, 1988, p. 53), o narrador é novamente acometido pelas lembranças daquela antiga véspera de São João, mas dessa vez, as reestabelecendo ordenadamente. Não se observa aqui a confusão de outrora, ou o sentimento caótico, pois nesse momento, após a profusão causada pelo comentário sobre os filmes de Audrey Hepburn, o narrador “recompõe passo a passo” aquela memória da festa junina em que “tinha sido permitido tê-lo inteiramente entre um blues amargo e um poema de vanguarda” (ABREU, 1988, p. 56). Mesmo com aparente pesar, pois constata o desencontro e o amor perdido, ele reconstrói lucidamente esse passado, reconciliando-se com as lembranças,



ou, ao menos, harmonizando-se consigo mesmo e com o tempo – o futuro, a expectativa – talvez, justamente por ter ocorrido tantas perdas e desencontros. Sua “contemplação estoica” e resignada dá lugar a algo que podemos aproximar da serenidade (*Gelassenheit*) de Heidegger “capacidade de deixar que as coisas aconteçam”, uma contribuição do Dasein para a revelação do Ser. Assim, “depurando” a densa categoria heideggeriana de autorreflexividade, Gumbrecht (2010) concebe essa serenidade, coloquialmente, como uma “sensação de estar em sintonia com as coisas do mundo”, que, ainda assim, difere de alguma suposta harmonia – sua aproximação pende para uma espécie de “recuperação” de um vislumbre das coisas do mundo (GUMBRECHT, 2010, p.147). Ora, a “recuperação” é justamente um ato/efeito de trazer algo *de volta*. O signo da perda, que dá início ao conto, é irreversível (especialmente quando lembramos aquilo que estamos discutindo), porém, uma recuperação – de si – é possível. Embora o narrador agora não esteja desorientado, ainda é marcante sua visão idílica do passado, em seu presente que não se apresenta ainda como positivo ou feliz, mesmo com as “pazes feitas” com as fragmentadas lembranças, serenamente conformando-se:

Não havia ânforas, não havia néctar. Desilusão ainda mais cruel, embora provisória, no tempo de sal: não havia deusas. [...] enfim, sempre podia ir até a cozinha e, distraído que não choraria sequer uma lágrima pela noite – e que bonita foi aquela noite - em que se encontraram e se perderam para sempre, repetir, e ninguém compreenderia, eu avisei, repetir num suspiro molhado de lembranças em que ninguém dá jeito [...] (ABREU, 1988, p. 48).

A busca da harmonia do presente, semelhante ao mito de Sísifo, se dá assim, na ilusão da repetição das experiências passadas, interiorizadas como lembranças, mais ou menos distantes. Em *Linda e Saudades de Audrey Hepburn*, o tempo e a maneira como ele é experienciado organizam a vida – ou deveriam organizar – e por isso, a fragmentação e a sensação de caos quando não há coerência. Perturbações que ocupam lugar não somente em uma temporalidade que apresenta essas mesmas condições, mas, da mesma forma, em subjetividades frente a uma experiência-limite de adoecimento, que funciona pelo viés de uma diferenciação compulsória.

Assim, não há como “concluir” esta breve pesquisa sem considerar todas as variantes e incertezas - que, na maior parte do tempo apresentam-se armadas de certezas e rigores em determinados discursos - em torno do tema da aids/HIV. Especialmente em suas materialidades, nas lutas de instituições e indivíduos em seu duro cotidiano, que por vezes parecem tão distantes de uma discussão sobre metáforas, horizontes, temporalidades, linguagem, *etceteras*. Mas, como Caio F. nos manifesta em vida & obra, trata-se de uma experiência complexa, uma trajetória nada linear de dinâmicas com o tempo, o corpo e a sociedade. Matizes e interpretações que parecem infinitas – e assim, o que se deve fazer é justamente compartilhar esse debate, que todas as áreas



possam ter uma contribuição, um acréscimo, um ganho em saber que, mesmo nas incertezas desse tempo fragmentado e desorientado, “positivamente falando”, o horizonte de expectativas não está nada fechado.

Referências bibliográficas

ABREU, Caio Fernando. **Os Dragões não conhecem o Paraíso**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. **Triângulo das águas**. São Paulo: Siciliano, 1991.

_____. **Pequenas Epifanias**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

BARBOSA, Nelson Luís. **“Infinitivamente pessoal”: A autoficção de Caio Fernando Abreu, “O biógrafo da emoção”**. São Paulo: USP, 2008. 401 f., Tese de doutorado em Letras.

BASTOS, Francisco Inácio. **Aids na Terceira Década**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

BESSA, Marcelo Secron. **Histórias positivas – a literatura (des)construindo a aids**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **Os Perigosos – autobiografias e aids**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

COURTINE, Jean-Jacques. **Historia del cuerpo. Volumen 3 – Las mutaciones de la mirada: El siglo XX**. Santillana Ediciones Generales: Madrid, 2006.

FOUCAULT, Michel. Conversa com Michel Foucault. In: **Ditos e escritos: Repensar a política. v. VI**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010

_____. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GÓIS, João Bosco Hora. Aids, Liberdade e sexualidade. In: QUADRAT, Samantha. **Não foi tempo perdido: os anos 80 em debate**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

GOMES, Carla Renata A. Souza. **Entre tinteiros e bagadus: memórias feitas de sangue e tinta: a escrita da história em periódicos literários porto-alegrenses do século XIX (1856-1879)**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. 349 f., p.210. Tese de doutorado em História.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Uma rápida emergência do “clima de latência”. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, jul.-dez. 2010, p. 303-317.

_____. **Depois de 1945: latência como origem do presente**. São Paulo: Editora da Unesp, 2014.

_____. **Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea**. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

_____. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUC-Rio, 2010.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

_____. **Crer em história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo: Parte II**. Petrópolis: Vozes, 2005.



- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- LEAL, Bruno Souza. **A metrópole e a paixão do estrangeiro: contos, identidade e sexualidade em trânsito**. São Paulo: Annablume, 2002.
- MARQUES, Maria Cristina da Costa. Saúde e poder: a emergência política da Aids/HIV no Brasil. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, vol. 9 (suplemento), p. 41-65, 2002.
- MELLO, Ricardo Marques de. Hayden White (1928 -). In PARADA, Maurício (org.) **Os historiadores clássicos da história: de Ricoeur a Chartier**, vol. 3. Petrópolis: Vozes, 2014.
- MORICONI, Ítalo. **Caio Fernando Abreu – Cartas**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- MUDROVICIC, María Inés. Cuando la historia se encuentra con el presente o lo que queda del “pasado histórico”. In: **En busca del pasado perdido: temporalidad, historia y memoria**. México: Siglo XXI, 2013.
- NASCIMENTO, Dilene. Narrativa autobiográfica: a experiência do adoecimento por aids. **Mneme – Revista de Humanidades, UFRN**, v. 07. n. 17, p. 163-179, ago-set, 2005.
- PESAVENTO, Sandra. Histórias dentro da história: leituras cruzadas de Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos. In: DECCA, Edgar Salvadori de; LEMAIRE, Ria (orgs.). **Pelas Margens: outros caminhos da História na Literatura**. Campinas/Porto Alegre: Editora da Unicamp, Editora da Universidade, 2000.
- POLLAK, Michael. **Os Homossexuais e a AIDS**. São Paulo: Estação Liberdade. 1990.
- _____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, nº 10, 1992.
- RODRÍGUEZ, Natalia. Procesos de resignificación a partir del diagnóstico de VIH/SIDA. In: Hidalgo, Cecilia. **Etnografías de la muerte - Rituales, desapariciones, VIH/SIDA y resignificación de la vida**. Buenos Aires: CLACSO/CICCUS, 2010.
- SCOTT, Joan W. A Invisibilidade da Experiência. **Projeto História**, nº 16, São Paulo, 1998.
- _____. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de Gênero**. Santa Catarina: Editora Mulheres, 1999. Disponível em: http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scott-Experiencia.pdf. Acesso em 01 jan. 2018.
- SONTAG, Susan. **Doença como metáfora, AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- VELASCO, Tiago Monteiro. **Escritas de si contemporâneas: uma discussão conceitual**. In: Anais de XIV Congresso Internacional – Fluxos e correntes: trânsitos e traduções literárias. Belém: Universidade Federal do Pará 2015. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456108793.pdf>. Acesso em 20 jul 2018.
- VIANNA, Eliza da Silva. **“Alguma coisa aconteceu comigo”: a experiência soropositiva nas obras de Caio Fernando Abreu e Hervé Guibert (1988 – 1996)**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2014. 114 f. Dissertação de mestrado em História das Ciências e da Saúde.
- VILLAS BÓAS, Luciana. Reinhart Koselleck (1923 – 2006). In PARADA, Maurício (org.) **Os historiadores clássicos da história: de Ricoeur a Chartier**, vol. 3. Petrópolis: Vozes, 2014.



WHITE, Hayden. **Meta-história: A imaginação Histórica do Século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

_____. Teoria Literária e escrita da História. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, 1994.

_____. O texto histórico como artefato literário. In: **Trópicos do discurso**. São Paulo: Edusp, 2014.

WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: Cosac Naify Portátil, 2011.